

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE

Preço da assignatura por mez

Para a Côrte..... 1\$000

Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS

começam

no 1.º de cada mez

Rua do Hospício 85

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XX

A MANCHA DE SANGUE

(Continuação.)

— Não tenha medo, meu amigo, disse-lhe o promotor; — você não está comprometido no quer que seja, e não se trata senão de responder á pergunta mais simples possível.

— Sim... Sr. promotor...

— Está vendo este assoalho?

— Estou... estou vendo perfeitamente...

— Em que epocha foi elle collocado aqui?

— Oh!... ha muito tempo...

— Veja se precisa melhor essa epocha...

— Trinta.... ou trinta e cinco annos.... não foi mesmo no meu tempo...

— Sim, mas concertaram-n'o depois, não foi?... ..

— Creio que não...

— Puzeram um pedaço novo... olhe, aquelle...

— Não me recordo...

— Reuna bem as suas reminiscencias, tornou o promotor em tom severo, e não procure illudir a justiça nós temos uma certeza.

O pobre André pôz-se a tremer cada vez mais.

O Sr. de Pesselières proseguiu:

— Vamos! procure recordar-se, e responda...

O criado pareceu reflectir profundamente.

Depois bateu na testa e exclamou:

— Ah! sim!... sim!... lembro-me agora.... O Sr. promotor tinha razão.... Mas eu não mentia.... unicamente havia esquecido....

— Falle.

— Buliu-se no assoalho.

— Neste lugar, não foi?... justamente em frente a esta porta...

— Sim, senhor...

— Quando foi?

— Ha vinte annos.

— Antes ou depois da morte da Sra. condessa?

— Logo depois.

— Que fizeram neste assoalho?

— Substituíram um metro quadrado, pouco mais ou menos.

— Porque?

— Porque havia na madeira uma mancha que não se se podia tirar.

— Que mancha era.

— Uma mancha de sangue.

O promotor deitou ao juiz de instrucção um olhar de triumpho.

A esse olhar o honrado Sr. Vachelet replicou com um gesto, que significava claramente:

— Com effeito, o Sr. promotor é muito habil!...

O promotor proseguiu com ardor:

— Onde provinha esse sangue?

— De um accidente que acontecêra na noite de 20 de setembro... na noite da morte da Sra. condessa...

— Um accidente!... exclamou o juiz estupefaco com a expressão de que se servia o velho André.

— Um accidente! repetiu elle.

— Sim senhor.

— Mas que entende por isso?

— A Sra. condessa estava muito doente... acabava de dar á luz uma criancinha... que é hoje a Sra. viscondessa de Villedieu... O medico já não tinha esperanza... O Sr. cura recitava, junto ao leito, as orações dos agonisantes....

— E depois?... depois?...

— Entretanto, continuou André, quiz o medico tentar ainda alguma cousa... sangrou a Sra. condessa no braço... isso não impediu que a nossa pobre ama fallecesse...

— Mas que relação...?

— Eu lhe digo, Sr. promotor... A criada da Sra. condessa levava a bacia em que estava o sangue... tinha sahido do quarto, e estava aqui, no lugar em que nos achamos... quando ouviu um grande grito no quarto... Julgou que sua ama acabava de morrer, e, no susto que teve, deixou cahir a bacia. O sangue se derramou no assoalho, e eis

porque foi necessario fazer-se o concerto de que ha pouco fallei...

Os dous magistrados trocaram um novo olhar de intelligencia.

Evidentemente viam na narraçao de André a mais inverosinil das invenções.

— Como foi que souberam desse accidente? perguntou o promotor.

— A criada contou-o...

— A quem?

— A todos.

— E pessoalmente a você?

— A mim como aos outros.

— Acreditou no que ella lhes dizia?

— Porque não havia de acreditar, visto que era verdade?

— Quando a criada quebrou essa bacia de sangue, estava alguem com ella?

— Ninguem.

— Então ella estava sózinha?

— Estava, — a menos que Caillouet se achasse presente... Era o couteiro do Sr. conde...

— Que é feito dessa criada?

— Morreu.

— Ah! morreu!...

— Sim, senhor.

— Quando?

— Tres ou quatro annos depois da Sra. condessa.

— Sempre no serviço do castello?

— Não, senhor, — tinha-se retirado para uma czinha da aldeia.

— De que vivia ella?

— De uma pensão que o Sr. conde lhe dava...

— Bem! póde retirar-se.

O velho André não esperou que lh'o repetissem, e voltou para a cozinha com a velocidade que lhe permittiam suas pernas ainda tremulas.

— Então, Sr. promotor, perguntou o juiz de instrucção, que diz a isto?

— Digo que a culpabilidade do Sr. de Vezay é na minha opinião um facto tão luminoso, tão incontestavel, como os raios do sol...

— Estimo vel-o participar da minha opinião.

— Oh! estou inteiramente de accordo com ella.

— Parece-me que devemos agora encarar como concluida a instrucção do processo...

— Sem duvida. — O tribunal poderá dar a sua sentença com conhecimento de causa.

— Se se encontrar Caillouet, que mandei procurar por toda a parte, elle comparecerá no jury, ou como testemunha, ou como complice. — Neste ultimo caso, far-se-ha necessario uma instrucção suplementar, e o processo será adiado para uma proxima sessão...

— Sem duvida.

— Acha, Sr. promotor, que seja util, neste estado de cousas, conduzir o acusado ao sitio onde elle pretende ter-se batido com o Sr. de Villedieu?

— Não é indispensavel, mas será mais regular, e, visto que nos achamos aqui, vamos até lá...

Os policiaes foram chamados.

Desceram ao pavimento terreo e encaminharam-se todos para as verdejantes alamedas do parque.

Não tardou que chegassem á extremidade da avenida que conduzia á porta situada ao lado do pavilhão de caça.

Os leitores conhecem esse logar.

Na occasião da chegada dos homens da justiça e do preso áquelle ponto, um individuo estranho, vestido de andrajos de brim branco, estava deitado em um banco e parecia profundamente adormecido.

Era o estranho homem que todos conheciam sob a alcunha do *Idiota*, e que já por varias vezes tem figurado nas paginas desta narrativa.

O ruido dos passos de seis pessoas não pareceu perturbar-lhe o somno, — ao menos, não fez elle o menor movimento, e nem abriu os olhos.

— Devemos estar a sós... disse o juiz de instrucção aos policiaes, indicando-lhes o individuo estendido no banco.

Ouvir era obedecer.

Um dos policiaes aproximou-se do velho, e, empurrando-o com a coronha do mosquete, gritou-lhe:

— Olá, meu amigo!... acorde!...

O velho ergueu-se no cotovello, abriu um pouco os olhos e olhou para os policiaes.

Depois com a mais completa indolencia deixou cahir novamente a cabeça, tomou outra vez a posição que acabava de deixar, e pareceu adormecer de novo.

XXI

O IDIOTA

O procedimento do idiota, pouco respeitoso para com a farda, exasperou o policial.

Póz-se elle a sacudir com força o velho, gritando com acompanhamento de energicas pragas.

— Irra!... vagabundo!... está surdo?... não percebe o que se lhe diz?... Vamos! levante-se dahi e retire-se, com mil diabos!... E andar vivo!...

O homem dos andrajos soltou uma especie de rugido surdo.

E ergueu-se de novo.

Unicamente, em vez de ficar estendido e de apoiar-se ao cotovello, mudou de posição e sentou-se.

Então, fixou successivamente a vista em cada uma das pessoas presentes, mas com olhar vago e aparvalhado.

— Sr. promotor, disse o policial, com o devido respeito, acho que este sujeito não vale grande cousa!... é um pé-rapado... um vagabundo!... Devo perguntar-lhe pelos seus papeis?

O magistrado fez signal que sim.

— Vamos, meu amigo! tornou o policial voltando-se para o velho; mostre-me os seus papeis!.. quando não, vai preso!...

Não obteve a menor resposta, nem mesmo o rugido surdo de que ha pouco fallámos.

— Os seus papeis? repetiu o policial; irra!.. mostre-me os seus papeis!.. O Sr. promotor está á espera!...

(Continúa no proximo numero.)

O THEOURO DOS ASSASSINOS

VI

O RONGOU

(Continuação.)

Esta descripção produziu grande impressão nos assistentes, que olhavam com anciedade uns para os outros.

Então o preto Cesar, cuja pallidez profunda sobressahia, apesar da sua carregada côr, exclamou:

— Meu sior juiz mi apostar ser esse o Rongou!

— E' verdade, é o Rongou! — repetiu a Sra. Gallois horrorizada. — Confirma-o a descripção que acabo de ouvir daquella figura selvagem, dentes pontegudos, sabre de fachina, e ainda o fartum que exhalava de si!

— Não ha duvida, é o Rongou! — repetiram muitas vozes ao mesmo tempo.

E era tal o horror inspirado por este nome, que todos os circumstantes estremeceram, e ao proprio juiz e ao official de policia se arripiaram os cabelos.

Para explicarmos a causa de semelhante impressão, cumpre-nos dar alguns promenores ácerca do individuo, chamado Rongou.

Era um preto de Gambom, pertencente á tribu dos Rongous, o cujo verdadeiro nome era D'Chimbo.

Depois da abolição da escravatura, em 1848, apparecêra em Cayenna como trabalhador forro, obtendo trabalho na exploração aurifera das margens do rio Appronague.

Diversos actos culposos que alli praticou, nos quaes se revelaram os seus mais crueis instinctos, fizeram com que elle fosse condemnado á prisão, donde, todavia, teve inieio de evadir-se.

Desde então D'Chimbo ou o Rongou tornára-se o flagello daquella parte do paiz cortada de ribeiras chamada «ilha de Cayenna».

Occultando-se nas mattas inacessiveis proximas á cidade, cada dia se tornava culpado de novo crime.

Devastações, roubos, assassinatos de mulheres e crianças, atrocidades as mais revoltantes, revestidas de circumstancias odiosas, perante cousa alguma recuava este monstro.

Julgou-se que era antropophago, e havia quem dissesse alimentar-se elle quotidianamente de carne humana.

Tornou-se, pois, o objecto do maior susto, não se fallando senão d'elle e estremecendo-se ao ouvir-lhe o nome.

Em vão se fizeram os maiores esforços para ser agarrado.

Tão vigoroso como matreiro, conhecedor de todas as astucias do gentio, illudia as pesquisas com uma habilidade incomprehensivel.

Dizia-se que elle tinha nos bosques, ao alcance das povoações ou dos caminhos, certos pontos de abrigo, onde apenas se demorava o tempo preciso para dar as assaltadas, em que roubava e assassinava. Meio nú e armado de sabre, apparecia de repente quando menos o esperavam.

Procurado elle, era impossivel encontrar-se. Não só a força de policia, como a da guarnição de Cayenna, estavam fatigadas de lhe fazerem montarias: havia muitos mezes que elle illudia todos as pesquisas e evitava todas as emboscadas com a mais incrivel fortuna.

Algumas vezes, depois da consummação de um crime mais atroz do que outros anteriores, tinha elle a prudencia de desaparecer durante algum tempo: quem sabe mesmo se nessas occasiões ia para outro territorio!

Quando, porém, julgava as cousas seguras, dava signal da sua presença por algum outro attentado mais horroroso ainda. (*)

Está explicado agora o panico que reinava na casa Gallois.

A idéa de que o Rongou se aproximára daquella habitação e de que poderia achar-se á distancia de ter conhecimento do que alli se estava passando atemorizava ainda os mais corajosos.

E, todavia, não restava duvida de que fôra elle o autor do crime, porquanto os indícios de sobra o confirmavam.

— Não me disse, capitão, — proseguiu o juiz, — que lhe pareceu ter ferido o aggressor? Tambem o Sr. official de policia diz ter conhecido vestigios de sangue no matto. Se o Rongou não está morto; pelo menos a ferida deve ter-lhe feito perder parte da sua energia, e portanto, creio podermos desta vez ter alguma esperanza de o caçar.

— Ah! Sr. juiz, — exclamou a mulata, — não creia que elle esteja morto ou ferido! Affirma-se que a ponta dos ferros se embota naquella pelle e que nem as balas o podem atravessar! Quantas vezes se lhe têm disparado tiros, suppondo-se tel-o morto? Pois no dia immediato eil-o que apparece mais audacioso e cruel do que nunca!

— Isso ser verdade! — disse o negro Cesar. — Elle ter um talisman que impedir a elle de ser ferido!

— Ser lavado pela serpente, — acudiu a preta Zenobia, — e não poder morrer com o veneno das flechas.

O juiz encolheu os hombros, porém não se deu ao trabalho de combater estas crenças supersticiosas relativas ao Rongou, crenças partilhadas por outras pessoas menos ignorantes do que Cesar e Zenobia.

Levantado, pois, o competente auto de noticia dos acontecimentos, regressou á cidade com os seus officiaes.

(*) Todos os promenores relativos ao Rongou são rigorosamente historicos.

O cirurgião retirou-se igualmente, declarando que, a menos que não sobreviessem complicações imprevisíveis, o ferido brevemente se restabeleceria.

Assim succedeu.

O capitão Grandval, graças ao vigor da sua compleição e aos cuidados que lhe foram prodigalizados, logo se achou livre de perigo, e tres dias depois do acontecimento entrava em plena convalescença, como o facultativo previra.

Entretanto a justiça não se poupava a esforços para se apoderar do Rongou.

A audacia com que fôra commettido este ultimo crime levára ao maior auge o terror e a indignação.

A força armada, guiada por indios, cuja profissão é seguir pistas, ia batendo sem descanso as florestas de difficil accesso, as margens das grandes lagoas e as brenhas de arbustos espinhosos que existiam nas vizinhanças de Cayenna.

Estas buscas, porém, não deram melhor resultado do que as anteriores, e tambem nenhuma prova appareceu que confirmasse a suspeita de Grandval de haver ferido o Rongou.

E' verdade que em uma das taes choças se encontrou um panno manchado de sangue e com certas herbas pisadas, com as quaes os negros sabem compôr maravilhosos balsamos; porém, em vista da actividade infatigavel que elle desenvolvia em escapar-se á perseguição, podia bem conjecturar-se que, se de facto houvera ferimento, fôra leve.

Esta mesma facilidade em evadir-se fazia presumir que elle recebia avisos preventivos da cidade.

Comtudo não se descobriram vestigios de relações.

Todos os galés, interrogados a este respeito, manifestaram pelo Rongou o mesmo horror que o resto da população guianeza.

Ficou-se, pois, na idéa de que fôra o acaso que o conduzira á habitação Gallois, por occasião de buscar nas proximidades da cidade uma de suas presas ordinarias.

Na manhã do quarto dia, entrando Josephina no aposento de Grandval, achou-o de pé, ainda que bastante fraco e de cabeça atada.

Perguntando-lhe o que tencionava fazer, respondeu-lhe que estava na idéa de ir nesse mesmo dia para bordo do navio.

— Pois cogita nisso? — exclamou ella. — As suas feridas acham-se ainda mal fechadas, e de certo não tem forças para chegar até ao porto.

— Por isso espero agora quatro dos meus marinheiros com um palanquim. Além de que, devo sahir d'aqui, pois já são demais as vigílias e fadigas que lhe tenho causado.

E, continuando ella a fazer-lhe observações, elle acrescentou:

— Deve lembrar-se de que temos de partir brevemente para as penitenciarias do Maroni, e que é urgente que eu trate dos meios de transporte, afim de não soffrermos demoras na nossa empresa. Estando a bordo, poderei alli receber os corretores com quem tenho a tratar sobre a compra de madeiras e até mesmo contratar com o Estado o carregamento. Além disso, não devemos esquecer as conveniencias com relação á nossa

posição reciproca. Acho-me muito melhor, e poder-se-hia interpretar mal a prolongação da minha estada na casa da sua habitação.

— Que me importa a malignidade dos homens? Os meus pensamentos e acções têm a Virgem por testemunha!

— Importa-me por sua causa. Todos os marinheiros do *Prosperidade* são de Fécamp, e eu não quero que mais tarde, regressando ao nosso paiz, haja que fallar...

— Seja assim, meu bom amigo. E, visto que não basta responder só perante Deus pelas minhas acções, fica a seu cargo responder perante o mundo.

A Sra. Gallois entrou nesse momento, annunciando a chegada dos marinheiros e exclamando ao mesmo tempo:

— Justo céo! que faremos agora, Sr. Grandval? Com a sua ausencia vamos aqui ser roubadas e assassinadas! O Rongou, sabendo que estamos sós, porque, emfim, elle sabe tudo, virá por ahi uma bella noite...

— Nada tem a receiar, senhora; a sua casa é segura e bem fechada.

— O Rongou é feiticeiro, entra por qualquer parte...

— E que posso eu contra um feiticeiro? Além do que, ahi fica Miguel, cuja coragem e robustos pulsos são capazes de escangalhar bastantes sortilegios.

— Sim, mas dous homens não seriam de mála para e effeito. Emfim, — proseguiu ella com resolução, — não ha remedio senão tomar um expediente, e, ainda que nós outras as brancas não somos geralmente intrepidas, trataremos de nos ajudar uma á outra... Meu marido deixou-me ahi uma espingarda caçadeira de dous canos; vou dizer a Cesar que a carregue de bala e a leve para o meu quarto.

— Bravo, senhora! — replicou Grandval rindo-se. — Dou-lhe a minha palavra que todas as brancas da Europa admirariam tal deliberação! Assim posso ir tranquillo e o Rongou que se acautele!

Contra os receios da mulata nada houve desagradavel durante os tres dias que se seguiram.

Josephina achava-se perfeitamente no seu soco-gado retiro, descansando das fadigas da longa viagem.

Grandval nem já se queixava das suas feridas, tendo recobrado a bordo toda a sua agilidade.

Chegára-se, pois, á ante-vespera do dia da partida para o Maroni e contava-se que já agora nenhum acontecimento desagradavel viria transtornar os projectos decididos, quando de subito estas esperanças se acharam desmentidas.

(Continúa no proximo numero.)